

# CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



# Histórico

- Editado pela Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, há seis anos
- Atualmente o jornal está na edição número 75
- Primeira edição: agosto de 2011, destacando a obra de Paulo Leminski
- Único suplemento cultural mensal produzido integralmente por uma biblioteca pública brasileira
- Contexto em que os jornais e revistas cada vez mais abandonam a versão em papel



# Equipe

- Redação enxuta
- Editado pelos jornalistas e escritores Rogério Pereira e Luiz Rebinski
- Redação conta com outros dois jornalistas (foto)
- Divisão tem outras demandas editoriais (como a edição de livros) do Núcleo de Edições da Secretaria de Estado da Cultura, órgão a cargo da Biblioteca Pública do Paraná



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ



antologia de escritas poéticas do século XIX ao XXI  
organização Ademir Demarchi

**heLe na**  
Paraná  
FICÇÕES  
NEWTON SAMPAIO

**heLe na**  
número 3  
ano 2 setembro 2013  
uma publicação  
Secretaria de Estado de Cultura

**101 POETAS PARANAENSES**  
V. I (1811-1939)  
antologia de escritas poéticas do século XIX ao XXI  
organização Ademir Demarchi

Sônia Barros  
Fios

**FICÇÕES**  
NEWTON SAMPAIO

**BOING!**  
Paraná

**Comédia Paranaense 2016**  
5 peças  
Edson Bueno  
Roberto Inocente  
Ivan Maciel  
Lucas Komechen  
Domingos Pellegrini  
Concurso de Dramaturgia do Teatro de Comédia do Paraná

PARANÁ SECRETARIA DE CULTURA da nossa cultura

ADRIANE GARCIA  
**FABULAS**  
PARA ADULTO  
PERDER O SONO  
no início contos Adriana Grinert

**48 contos paranaenses**  
Org. Luiz Huffato

**Comédia Paranaense 2016**  
5 peças  
Edson Bueno  
Roberto Inocente  
Ivan Maciel  
Lucas Komechen  
Domingos Pellegrini  
Concurso de Dramaturgia do Teatro de Comédia do Paraná

**UM ESCRITOR BIBLIOTECA**  
1980  
LUIZ FERNANDO VERISSIMO  
ANTONIO CALLADO  
MARCIO SOUZA  
THIAGO DE MELLO  
PAULO LEWINSKI  
FERNANDO SABINO  
IGNACIO DE LOYOLA BRANDÃO  
NELIDA PINON  
FERNANDO MORAIS  
DOMINGOS PELLEGRINI  
HELENA KOLODY

**UM ESCRITOR BIBLIOTECA**  
2012 - 2013  
FERNANDO MORAIS  
JOSCA TIBIRO  
DOMINGOS PELLEGRINI  
LOURENÇO MUTAREL  
RUBENS FIGUEIREDO  
LUIZ VILELA  
EDNEY SILVEIRO  
JOÃO GILBERTO NOGUEIRA  
IGNACIO DE LOYOLA BRANDÃO  
ROBERTO GOMES  
RONALDO CORREIA DE BRITO  
BERNARDO CARVALHO  
LUCI COLLI  
MARCELO BACK  
PAULO SCORZA  
MICHEL LAURENTI

**heLe na**  
**Comédia Paranaense 2016**  
5 peças  
Edson Bueno  
Roberto Inocente  
Ivan Maciel  
Lucas Komechen  
Domingos Pellegrini

**heLe na**  
ano 1  
nº 2 abril 2013  
uma publicação  
Secretaria de Estado de Cultura  
**UM ESCRITOR BIBLIOTECA**  
1980  
LUIZ FERNANDO VERISSIMO  
ANTONIO CALLADO  
MARCIO SOUZA  
THIAGO DE MELLO  
PAULO LEWINSKI  
FERNANDO SABINO  
IGNACIO DE LOYOLA BRANDÃO  
NELIDA PINON  
FERNANDO MORAIS  
DOMINGOS PELLEGRINI

**Ensaio sobre o entendimento humano**  
Contos  
CAETANO W. GALINDO

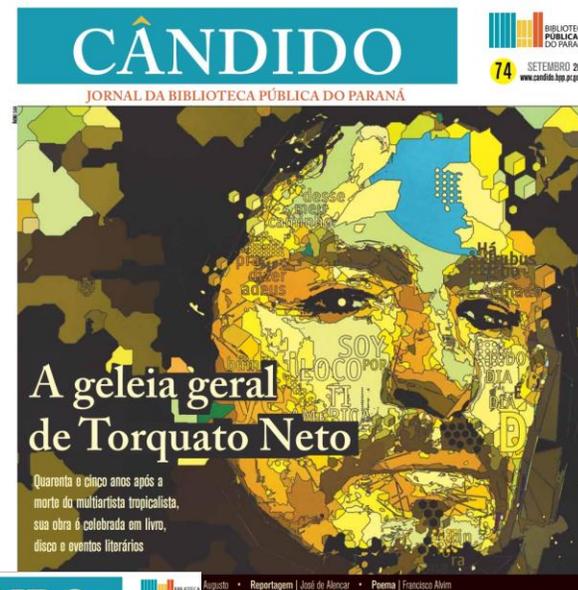
**OPERAÇÃO IMPENSÁVEL**  
VANESSA BARBARA

**no início contos**  
Adriane Grinert

ADRIANE GARCIA  
**FABULAS**  
PARA ADULTO  
PERDER O SONO  
Paraná

# Formato

- 40 páginas
- Linha editorial voltada para a difusão do livro, leitura e literatura
- Pluralidade de ideias como marca da sua personalidade editorial
- Busca as mais variadas vozes, sempre evitando privilegiar determinados grupos ou tendências estéticas
- Um ano depois do seu lançamento, a tiragem inicial de 5 mil exemplares dobrou, passando aos atuais 10 mil exemplares
- Custos: R\$ 10 mil, em média (impressão, colaboradores e correio)



# Circulação

- Distribuído gratuitamente na Biblioteca Pública do Paraná e em diversos pontos de cultura de Curitiba, como museus, casas de leitura, Faróis do Saber (bibliotecas de bairro), cafés e livrarias
- Circula também em todas as bibliotecas públicas (em torno de 500) e escolas de ensino médio do Paraná (2 mil)
- Enviado para diversas regiões do Brasil por meio de um mailing com endereços de meios de comunicação, universidades, centros culturais, escritores, editores e jornalistas

# Remissão pela leitura

- Parte da tiragem é encaminhada para o projeto de remição de pena pela leitura no Paraná — iniciativa pioneira no país, em atividade desde 2012, e que conta atualmente com 2,5 mil participantes, quase 13% do total de 19,5 mil detentos no Estado



CÂN  
DI  
DO



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

# Conteúdo



- Aposta no conteúdo jornalístico
- Toda edição traz como destaque de capa uma grande reportagem, resultado do diálogo com professores universitários, críticos e autores de todo o Brasil
- Traz conteúdos ao mesmo tempo didáticos e profundos

# A poesia brasileira passa por ele



Reprodução

Após 30 anos da morte do poeta, o legado de Carlos Drummond de Andrade — aclamado em vida — é cada vez mais presente no imaginário nacional e na obra de autores contemporâneos

MARCIO RENATO DOS SANTOS

O legado de Carlos Drummond de Andrade ultrapassa o domínio estrito do mundo literário especializado e possui alcance popular. Isso não diz respeito apenas, por exemplo, à estátua do poeta na orla da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro — cidade onde o mineiro nascido em 1902 em Itabira fixou residência ainda na década de 1930. O professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), curador literário e poeta Ítalo Moriconi lembra que há fragmentos da produção drummondiana no DNA do povo brasileiro, seja a expressão “pedra no caminho”, do poema “No meio do caminho”, ou a pergunta “E agora, José?”, do poema “José”.

Apesar da presença de Drummond no imaginário nacional, Moriconi tem a impressão de que em 2017 — três décadas após a partida do autor, morto no dia 17 de agosto de 1987 —, entre as novas gerações não há grandes conhecedores, leitores contumazes ou de cabeceira da poesia do artista mineiro. “Mas não tenho dúvida de que qualquer leitor contemporâneo que pegar a obra de Drummond vai ver que ali está a poesia essencial, poesia literária da boa”, diz.

O professor da Universidade Brasileira (UnB) Alexandre Pilati analisa que o legado de Drummond para a poesia brasileira é inestimável. “Ele está certamente entre os grandes escritores modernos de todo o mundo”, afirma. No entendimento do estudioso, a obra drummondiana representa um grande e complexo universo em que se encontram desde elementos mais íntimos da

experiência brasileira quanto forças literárias da tradição universal recolhidas e criticadas sob um ponto de vista que privilegia a estética do impasse.

Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Wilson Alves-Bezerra acredita que Drummond é um dos grandes poetas da língua portuguesa. “Sua escritura intimista e reflexiva e ironia fazem dele um dos maiores poetas modernos entre nós”, comenta. Aliado a isso, acrescenta Alves-Bezerra, ocorreu com Drummond o fenômeno de ser um poeta lido e reconhecido em vida. “A sua popularidade também tem a ver com sua linguagem cativante, com sua escrita linear, de aparente simplicidade, e a eleição de temas universais, como o amor, a condição humana e o corpo. A atitude do sujeito perante um mundo que o ultrapassa, o exacerba e o interroga é outro dos grandes temas do poeta”, diz, sem deixar de observar que Drummond se tornou um personagem da nossa cultura, conhecido inclusive por não-leitores de poesia, o que, entre nós, é um fenômeno raríssimo.

## Longa estrada

O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Antônio Marcos Vieira Sanseverino chama atenção para seis livros do início da trajetória de Drummond: *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas*, (1934), *Sentimento do mundo*, (1940), *Poesias* (1942), *Rosa do povo* (1942) e *Claro enigma* (1951). No caso de *Alguma poesia*, Sanseverino destaca o texto

ALGUMA  
CARLOS  
DE ANDR

Livro de estreia do  
pela Companhia d

# Conteúdo

- Além dos textos jornalísticos, há espaço para ensaios e artigos de pesquisadores produzidos em linguagem acessível, a fim de encontrar ressonância no variado público do jornal
- Temas atuais sobre o universo da literatura, além do resgate de obras de grandes autores, ganham destaque na cobertura do *Cândido*

## O par dialético em Drummond

O professor da Universidade de São Paulo (USP) **Luiz Roncari** explica por que os livros *A rosa do povo*, de 1945, e *Claro enigma*, de 1951, formam um par, representando o coração pulsante e possivelmente o ápice e a plena maturidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade

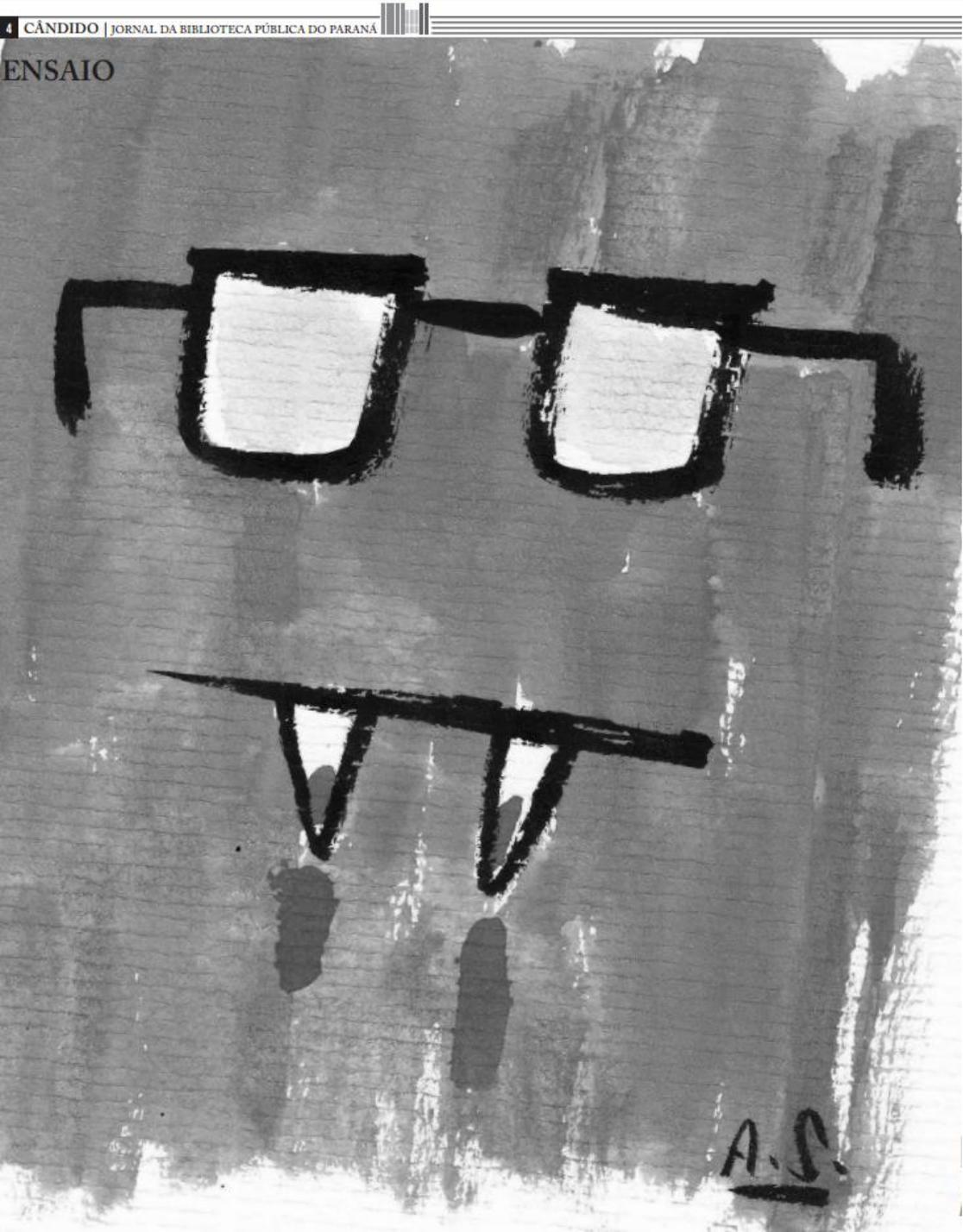
Os livros *A rosa do povo*, de 1945, e *Claro enigma*, de 1951, formam um par e representam talvez o ápice e a plena maturidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Serão eles que definirão a rota de sua obra poética e ele a seguirá, sempre com acréscimos, porém com poucas alterações de rumo e dificilmente a ultrapassando. Ele o publicou já entrado na casa dos 40 anos, praticamente na metade da vida, nascido em 1902 e falecido em 1987. Do meu ponto de vista, eles são como o coração pulsante da sua extensa obra, estão no centro dela e compõem um núcleo inquieto e inquietante que obriga o seu leitor assíduo, depois de cada novo livro, a se voltar e se reportar sempre a eles.

Ambos contêm separadamente um conjunto de poemas da mais alta elaboração e complexidade, e ficam ali vibrantes em diástoles e sístoles. Como tudo em Drummond, trata-se de um par antitético e carregado de tensões. Já eles parecem puxar para lados opostos, com um querendo se distender e o outro contrair — enquanto *A rosa do povo* abre-se para o mundo, dando continuidade aos livros *Sentimento do mundo* e *José*, o segundo tende fortemente a fechar-se na poesia e preocupar-se sobretudo com ela, como nos exemplos extremados de poemas como “Oficina irritada” e “Opaco”.

Já os títulos dos livros também formam pares com dois membros e tendem a compor oximoros, ao reunir termos indicando mais “ligações perigosas” — *Les Liaisons Dangereuses*, livro de Choderlos de Laclos que Drummond, significativamente, traduziu por

essa mesma época, em 1947 — do que um casamento harmonioso. Assim eles têm também entre si as suas dissonâncias, senão oposições. O título de *A rosa do povo* é composto por duas metáforas, o primeiro membro, a rosa, está no lugar de poesia, que remete ao belo e às obras elevadas do espírito, enquanto o segundo termo, “povo”, aponta para o baixo, o mundo pobre da necessidade, “a palavra carne”, com o que o poeta pretende contrariar a orientação convencional da poesia que quer negar, aquela sonolenta e apagada, que rima “sono” com “outono”, justamente o que ele faz, contrariando a própria promessa de não fazê-lo. E o poeta deve ter sorriso da própria ironia, de quem nega fazer, fazendo. As conotações negativas desse termo são mais acentuadas ainda no Brasil, “país sem povo”, como se diz e verdade reafirmada a cada novo golpe, onde ser do povo não é motivo de orgulho, como nos países de forte tradição republicana, como a França, que tanto se procurou imitar por aqui, mas de rebaixamento e coisa reles.

Já o título de *Claro enigma* é explícito, não recorre às figuras usuais da linguagem poética, mas compõem igualmente um oximoro, cujos termos negam um ao outro: o que é claro não pode ser obscuro, nem o enigmático pode ter clareza. Porém, no fundo, tanto um livro como o outro tratam da dificuldade de se acomodar na mesma obra duas dimensões contraditórias do sujeito moderno: a da sua vida no mundo social e político com os homens e a da realização da obra poética a que escolheu se destinar: “Já agora te sigo a



# No ventre do minotauro

Autora do livro *Do vampiro ao cafajeste – uma leitura da obra de Dalton Trevisan*, **Berta Waldman** analisa o percurso literário do escritor curitibano

**N**ovelas nada exemplares (1959) é o primeiro livro em circuito comercial publicado por Dalton Trevisan. Contando hoje com vasta e significativa obra, pode-se afirmar que esse autor está entre os melhores escritores vivos do país, unanimidade que poucos ousariam afrontar sem incorrer em deslize crítico. Trevisan se repete? Trata-se, a meu ver, de um escritor programático e obsessivo, que instrumentaliza a repetição, utilizando-a como matéria literária.

“Ora, direis, ele se repete. E eu vos direi, no entanto, como poderia se cada personagem é baseado numa pessoa diferente? Se alguém se repete são elas, essas pessoas iguais, sempre as mesmas. Pó, destino próprio, história única, vida original — não há mais?” (*Pico na veia*, 2002).

Até 1972, data de publicação de *O rei da terra*, a investigação da matéria literária tem peso maior na obra de Trevisan; entretanto, ela sofre redução paulatina e, com ela, vem o enxugamento da linguagem, que se depura e se inova para dar relevo estético

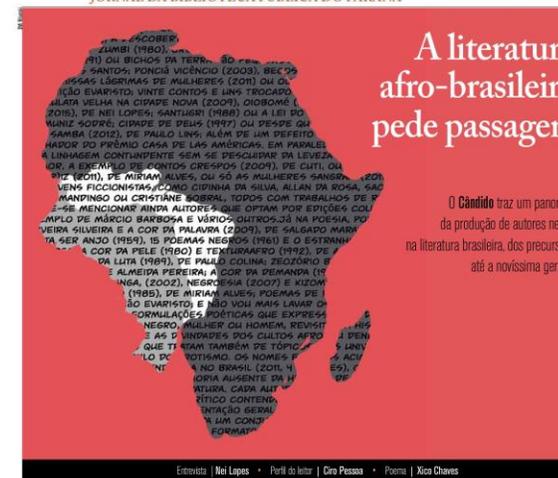
e histórico para as coisas de seu tempo e lugar. Nesse sentido, a Curitiba que emerge dos contos, à maneira do que acontece com o nordeste de Graciliano Ramos ou o sertão de Guimarães Rosa, é o próprio mundo, porque o mundo também é Curitiba no que tem de grotesco e regressivo. Em outras palavras, a medida de um escritor, principalmente nos países periféricos como o Brasil, deriva, em grande parte, da agudeza para perceber que a complexidade do mundo contemporâneo também se expressa aqui, e que uma representação artística e eficaz do particular contribui para a construção de uma imagem do conjunto.

Ambientados na periferia da periferia, desfilam nos contos, sob um facho de luz fria, funcionários públicos, lojistas, prostitutas, donas de casa, domésticas, normalistas, trabalhadores da terra, malandros, bandidos, policiais, viciados em droga, bêbados, religiosos, machões, abusadores de menores. O autor monta uma cena ficcional presa entre quatro paredes,

“ Para alcançar a condensação, Dalton subtrai ‘enxuga’ frases, trechos de contos, reescritos algumas vezes em novas edições.”

# Público

- Audiência variada
- Leitores de diferentes níveis de formação — de estudantes do ensino médio e da graduação a críticos literários
- Busca por uma linguagem clara e de fácil entendimento para os leitores que não conhecem os temas apresentados
- Traz também reflexões e pontos de vista interessantes para aqueles que já estão familiarizados com o universo da literatura



# Conteúdo

- Se apresenta como uma vitrine variada, cosmopolita e interessante da literatura brasileira contemporânea
- Parte significativa do jornal é dedicada aos inéditos, seja de poesia ou prosa — contos, crônicas e fragmentos de romance
- Em seis anos, foram publicados mais de 250 textos inéditos

## ALEGRIA

Borboletas desaparecem  
no porão  
Na sala enorme  
iluminada  
flores se expandem  
em meio a vozes moças  
alegres  
Guirlandas de flores,  
de ar  
Basta tocar uma delas  
(é um sonho)  
para que de cada flor  
surjam de novo  
as borboletas  
a voar  
seu voo de papel —  
amarelo

 Francisco Alvim nasceu em Aracá, Minas Gerais, em 1938. Seu primeiro livro foi *Sol dos cegos* (1968). Nos anos 1970, integrou o grupo Frenesi, que constituiu a primeira leva dos chamados "poetas marginais". É autor de, entre outros livros de poesia, *Passatempo* (1974) e *Elefante* (2000). Alvim vive em Brasília (DF).



# EM NOME DO PAI

A Carlos Moraes



Leo Gibran Ilustração

Desde pequeno, padre Olímpio jogava futebol com o pai. Aprendeu a atacar e defender no quintal de casa. Depois, os dois brincaram com a bola na praça entre balanços e gangorras, jogaram pelada no campinho da várzea. Às vezes, na torcida, assistia ao jogo dos adultos, entusiasmado com os feitos do velho. Mais tarde, nos torneios entre as escolas da cidade, o menino sentia o peso da responsabilidade ao saber que o pai estava ali, sentado na arquibancada, apostando em cada uma de suas entradas na bola. Ficava feliz em algum lance de que o velho poderia se orgulhar. Ao final, esperava os comentários dele, analisando a partida e dando conselhos. Não de jogo, mas de vida:

— Tem de ter espírito de equipe. O bom jogador não pode pensar só em si mesmo. Nunca se deixa o outro na mão.

No tempo do seminário, quando vinha passar um dia em casa, quantas vezes os dois aproveitaram para irem juntos ao estádio... Ou assistiam à transmissão de jogos pela televisão, lado a lado, entre cervejas e tira-gostos.

Talvez por isso, agora que o padre estava preso, vivia cada oportunidade de bate-bola como um momento de estar também com o velho na memória. Juntos, um ao lado do outro, superavam os limites físicos. Passavam por cima dos muros do quartel em volta do filho, das paredes do hospital em torno ao pai. Venciam a distância entre o equipamento de soro na capital e as grades naquela guarnição de fronteira.

O fato era que padre Olímpio era um craque. Crescera como atleta ao longo do tempo. Jogava bem e com entusiasmo. Tanto que seu nome era sempre o primeiro a ser escolhido quando os prisioneiros iam formar os times na hora do banho de sol. Os soldados que os guardavam ficavam admirando. Acabavam até incentivando. De

vez em quando até mesmo um oficial parava para assistir.

Também, devia ser uma distração para eles. O grupo de presos políticos era uma novidade. Quartel do exército não é prisão. No máximo, serve de punição disciplinar para a tropa. Ou, no caso de um lugar tão remoto como aquele, perdido no meio dos pampas, já quase no Uruguai, o velho forte não oferecia muita chance de distração. Podia até ser uma espécie de exílio para um ou outro oficial mais problemático que estivesse precisando de um corretivo ou houvesse incorrido na má vontade de um superior.

Aquela história de transformar os militares em carcereiros de presos políticos vindos de longe não era vista com bons olhos por todos. Cumpria-se o dever, sem dúvida. O regulamento era severo e a disciplina, rígida. Mas ao contrário do que podia acontecer em outros postos menos isolados, ali os militares não se sentiam combatendo um inimigo na pessoa daqueles magricelos fracos, uns intelectuais barbudos e operários sofridos, entregues a seus cuidados. Dava para afrouxar um pouco com relação ao futebol — que era permitido todo dia. Assistir ao jogo dos presos era quase um momento de feriado.

Depois de uns dois meses dessa rotina, um dia padre Olímpio foi levado à presença do comandante. Ficou preocupado com a novidade. Desde sua chegada, nenhum dos presos tinha passado por isso naquela guarnição. Os interrogatórios, os maus-tratos, tudo tinha ficado para trás, na cidade, no tempo de antes de serem removidos. O que estaria à sua espera agora? Imaginava as piores coisas. Mas não dava para evitar algum lampejo de esperança — de um habeas-corpus, uma ordem de soltura. Tudo era tão arbitrário naquela prisão, jamais

# Conteúdo

- Procura destacar a produção literária do Paraná, Estado com uma rica tradição nas letras e que continua a revelar ótimos autores
- Ao lado: dois autores importantes da literatura paranaense que tiveram seus legados: Jamil Snege (1939-2003) e Manoel Carlos Karam (1947-2007)



# Colaborações

- Alguns dos nomes mais revelantes não só da literatura brasileira contemporânea, mas também do meio acadêmico, já passaram pelas páginas do *Cândido*
- Essas colaborações (todas remuneradas) levam ao leitor o trabalho dos melhores e mais representativos nomes da letras nacionais, sejam eles professores, críticos, jornalistas ou escritores
- Entre os colaboradores, também estão alguns dos mais destacados ilustradores do país, que ajudam a criar a estética moderna e contemporânea do periódico — seja desenhando a capa, publicando uma história em quadrinhos ou ilustrando inéditos

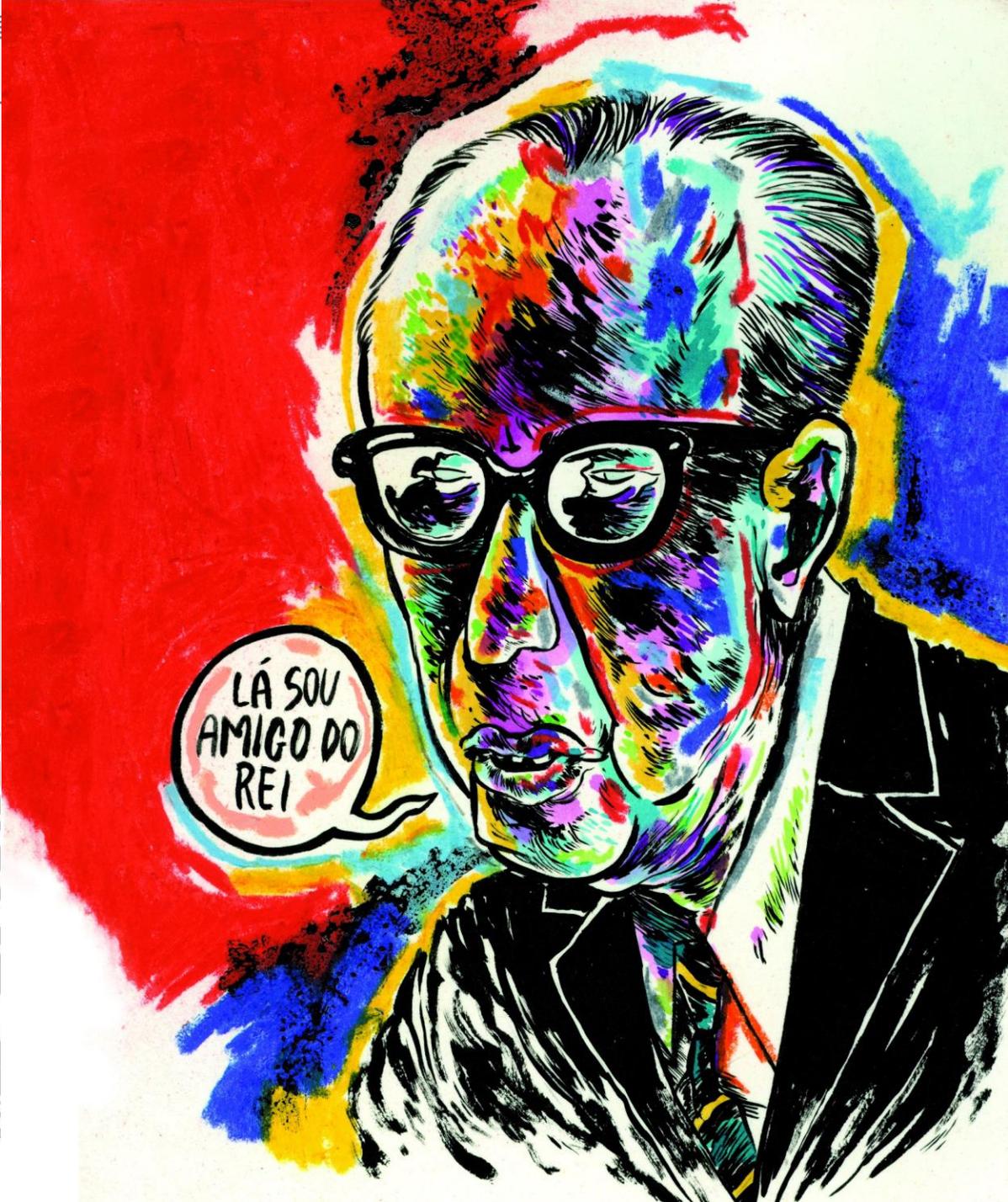


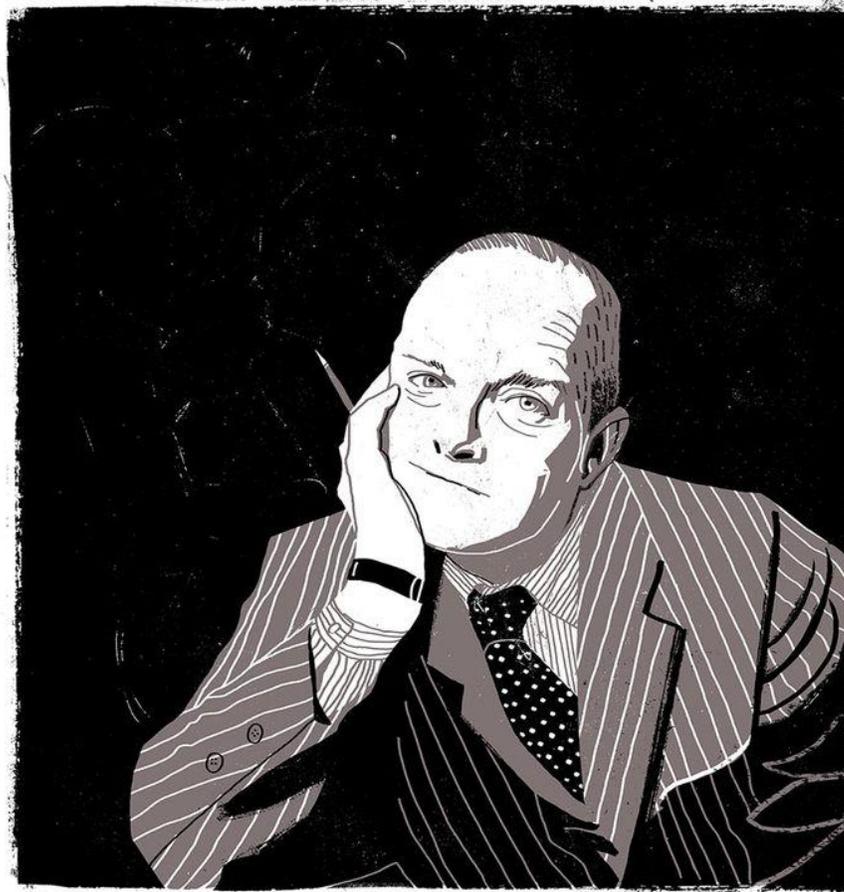
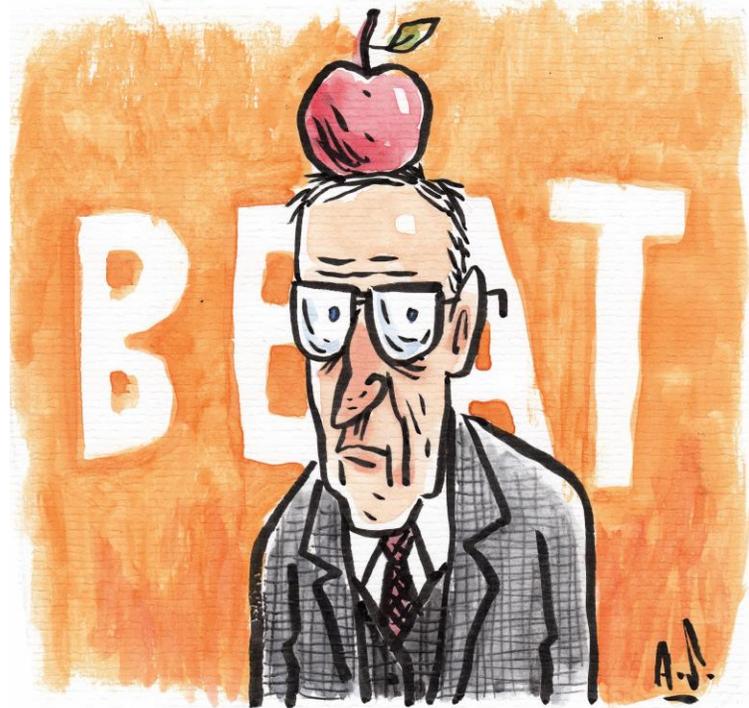
BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

FICÇÃO | FERNANDO BONASSI



André Caliman Ilustrações





# Revitalização

- A criação do *Cândido* faz parte do projeto de revitalização da Biblioteca Pública do Paraná, sendo uma das primeiras experiências desse processo
- Objetivo de transformar a instituição em um centro de difusão da cultura
- Outras ações surgiram na sequência: a série de encontros com autores brasileiros “Um Escritor na Biblioteca”, as oficinas de criação literária e, na questão estrutural, a reforma do prédio histórico, cuja primeira etapa foi concluída em março de 2017, quando a instituição completou 160 anos



# Na internet

- Conteúdo completo disponível no site do Cândido:  
[www.candido.bpp.pr.gov.br](http://www.candido.bpp.pr.gov.br)
- No Facebook: [www.facebook.com/jornalcandido](http://www.facebook.com/jornalcandido)
- Biblioteca Pública do Paraná
  - Site: [www.bpp.pr.gov.br](http://www.bpp.pr.gov.br)
  - Facebook: [www.facebook.com/bibliotecapr](http://www.facebook.com/bibliotecapr)
  - Twitter: [@BibliotecaPR](https://twitter.com/BibliotecaPR)
  - Instagram: [@BibliotecaPR](https://www.instagram.com/BibliotecaPR)

